ISSN: 2674-9270
Volume. 7, n. 2, ago./dez. 2025

ENSAIO

Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

Platão e Antígona: uma teoria estética aplicada

João Victor de Souza Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora
E-mail: joaovictor.souza@estudante.ufjf.br

DOI: *https://doi.org/10.46636/recital.v7i2.622*

Recebido: *18 Set. 2024*

Aceito*: 19 Ago. 2025*

Como citar este artigo: SILVA, João Victor de Souza. Platão e Antígona: uma teoria estética aplicada. **Recital - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG**, v. 7, n. 2, p. 87–97, 2025. DOI: 10.46636/recital.v7i2.622. Disponível em: https://recital.almenara.ifnmg.edu.br/recital/article/view/622.

Está obra está licenciada sobre uma Creative Commons Attribution 4.0 International License. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, para propósitos comerciais, sem permissão por escrito. Para outros propósitos, a reprodução deve ser devidamente referenciada. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Platão e Antígona: uma teoria estética aplicada

RESUMO

Neste ensaio, pretende-se apresentar um diálogo baseado em alguns acontecimentos reais, em que o autor conversa com seus interlocutores a respeito do conceito de *belo*, utilizando-se da filosofia platônica como fundamento, mas também trazendo à cena a tragédia *Antígona* de Sófocles, de modo a demonstrar como o que compreendemos como beleza não é discutido apenas em textos filosóficos, mas em tragédias gregas que tinham como um de seus compromissos mostrar para a sua plateia as consequências das ações humanas. Desse modo, neste ensaio que se desdobra como um diálogo, procuraremos mostrar como uma teoria estética pode ser aplicada na literatura antiga, cujas implicações ainda hoje podem nos ensinar sobre o mundo antigo e sobre nós.

Palavras-chave: Antígona. Estética. Filosofia. Platão.

Plato and Antigone: an applied aesthetic theory

ABSTRACT

This essay aims to present a dialogue based on some events, in which the author talks to his interlocutors about the concept of *beauty*, using Platonic philosophy as a basis, but also bringing to the scene Sophocles' tragedy Antigone, in order to demonstrate how what we understand as beauty is not discussed only in philosophical texts, but in Greek tragedies that had as one of their commitments to show their audience the consequences of human actions. Thus, in this essay that unfolds as a dialogue, we will try to show how an aesthetic theory can be applied to ancient literature, whose implications can still teach us about the ancient world and about ourselves today.

Keywords: Antigone. Aesthetic. Philosophy. Plato.

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE

E apesar dos bofetões
Do tempo invertido
Apesar das visitas
Breves do pavor
A beleza é tudo
O que permanece.

Matilde Campilho, Jóquei.

Lembro-me bem de uma reunião com um grupo de amigos, em Juiz de Fora, a Manchester mineira, para juntos conversarmos e nos alegrarmos com a beleza da vida. Foi uma pequena confraternização, com cerca de dez pessoas, com comidas, bebidas e brincadeiras. Durante toda a noite, minha amiga Jéssica Rhodes e eu conversamos sobre fazermos juntos um curso chamado estética no departamento de filosofia. Surpresos, nossos colegas nos perguntaram: "Vocês estão fazendo curso de beleza agora?" E com isso se instaurou as risadas, porque pensaram que estávamos fazendo um curso de maquiagem.

Diante da dúvida de nossos colegas, decidimos, portanto, fazer uma apresentação sucinta do que seria a estética na filosofia, mais especificamente no pensamento filosófico de Platão. Dessa forma, apresentarei a conversa desse encontro e aplicarei as suas ideias, numa breve análise, ocorrida noutro momento, do trabalho *Antígona*.

Minha resposta aos meus colegas piadistas foi a seguinte: "Queridos amigos, suas risadas fazem todo o sentido, pois eu faria o mesmo se não tivesse o mínimo conhecimento sobre o assunto. Porém, não convém reduzir a estética apenas à preocupação em se maquiar ou em tirar espinhas e cravos do rosto, convenhamos.

A chamada estética, cuja preocupação é refletir sobre a beleza em si, remonta a Alexander Baumgarten (1714-1762), filósofo que popularizou esse termo. Portanto, sua preocupação estava relacionada a questões como: O que é a beleza? O feio existe? O que o belo e o feio fazem ao homem? Que sentimentos despertam em nós quando contemplamos algo belo? Perceba, embora cuidar do corpo seja importante (por isso temos a cosmética), a disciplina estética não se preocupa estritamente em cuidar do corpo, mas em refletir sobre o que há em um corpo para que ele possa ser chamado de belo, por exemplo. Poderíamos dizer que o ser humano é bonito porque tem um corpo bem ordenado e funcional? É possível. Este é um exemplo de como algo é considerado belo a partir da ordem e da perfeita funcionalidade que existe em meio à complexidade da vida".

Tive que pausar meu discurso para beber um pouco de água, pois naquela noite fazia muito calor em Juiz de Fora — Neste dia a sensação térmica era de 30ºC, o que tornou a discussão filosófica ainda mais acalorada. Depois de tomar um gole, voltei ao meu discurso: "Bom, com isso vocês podem me questionar: "Platão (o único filósofo de quem temos lembrança do nosso ensino médio) não criou a estética, pois ela só apareceu no século XVIII com Baumgarten, certo? Não exatamente, afirmei. Embora o termo só tenha se popularizado com Baumgarten, refletir sobre a beleza é algo que Platão fez, sem dúvida".

Pegando meu caderno, continuei explicando o assunto aos colegas da seguinte forma: "Um exemplo disso é o livro dele intitulado *O Banquete* onde a reflexão sobre o amor

apresenta um tema de beleza. Veja, Platão até fala sobre a beleza ser a "parteira da geração" (206d), e que "amar é gerar beleza" (206b)". Com estas citações, perguntei se os meus colegas as tinham compreendido, respondendo-me com um sonoro "não!", acompanhado de outra resposta, na qual a querida Jéssica afirmava que Platão era alguém que falava como os oráculos, de modo que nem mesmo Sócrates deveria entender o seu próprio discípulo às vezes. Com isso fui atingido por muitas risadas, mas pedi atenção e calma de todos, pois coisas bonitas são difíceis, mas também são acessíveis, então, se me dessem tempo, certamente todos entenderiam essas palavras oraculares.

Dito isso, comecei a esclarecer as citações feitas assim: "Como poderíamos dizer que o homem se eterniza no espaço e no tempo? Temos certeza de que esta é uma tarefa um tanto difícil, não é?" Todos concordaram comigo. Com isso, continuei: "uma das formas de conseguir se eternizar no mundo é através da geração de seus descendentes. No pensamento antigo, por exemplo, entendia-se que uma das razões pelas quais os pais protegem os seus filhos era porque eles representavam uma continuação de si mesmos; cuidar dos filhos, portanto, equivaleria a cuidar de si e da continuidade da família no futuro. Nessa perspectiva, ao afirmar que a beleza é a "parteira da geração", deve-se entender que a beleza é o que instiga no homem o desejo pela imortalidade e pelas coisas eternas, bem como pela própria preservação, de modo que acaba, portanto, provocando o ato de procriar através do desejo erótico (*Eros*) para a eternidade que a beleza provoca em quem a ama. O ato de amar é gerar beleza. É vista como uma ação nobre entre dois seres distintos e, por vezes, radicalmente antagônicos, porém, por se amarem, unem-se em laços de amor, o que cria uma simetria e uma ordem, capaz de dar estabilidade e fazer com que duas pessoas vivam juntas até o fim de suas vidas (*O Banquete*, 191c). Dessa união, cabe destacar que tudo passará, com exceção do amor, que, em certo aspecto, dá origem à prole. A prole, como ocorre em alguns casos no mundo animal, é preservada e defendida pelos pais. Como exemplo, basta observar como uma leoa protege seu filhote, ou como uma galinha acolhe todos os seus pintinhos sob suas asas. Esses atos de proteção, só por si poderiam ser considerados belos, para que se perceba o quão imponente é a beleza; porque gera a si mesmo ordem, equilíbrio, prazer, mas não só isso; gera relações e, por extensão, laços que desenvolvem o capital social, que estabelece sociedades inteiras.

Nisto, parece-nos que ainda existe uma influência do pensamento religioso e mítico, onde, por exemplo, a regularidade cósmica é bela porque é permanente, contínua e manifesta uma ordem. E a beleza seria, desta forma, o motivador para a contemplação do Cosmos.

Isto se aplica muito bem à forma como a liturgia de um serviço religioso luterano é vista e compreendida, por exemplo. Muitos crentes mais velhos e conservadores criticam, sem medidas, as novas formas que o culto de suas comunidades estão assumindo no Brasil. Dizem muitas vezes: "O nosso culto e a nossa liturgia já não são bonitos e organizados. Ela é feia! Quando ouvi isso pela primeira vez, queridos amigos, confesso que fiquei perplexo. Portanto, senti-me obrigado a perguntar por que a liturgia se tornou "feia".

Surpreendentemente, a resposta foi a seguinte: "O culto não tem mais ordem. Antes, o culto ordenado demonstrava um anseio pela eternidade e pela continuidade de algo muito antigo, mas agora não é nada". Eureca! Vejamos como o pensamento estético que encontramos em Platão foi apropriado por alguns... A liturgia da nossa comunidade tinha uma ordem muito rígida, que não deveria ser quebrada. As músicas cantadas deveriam ser aquelas dos hinários; não são tolerados sons excessivos e toda a tradição, ou seja, a forma como o culto é realizado, não pode diferir ao longo do tempo. Porém, hoje em dia, há uma variação

constante. No momento das músicas, as luzes são apagadas, em alguns casos, não há mais nenhuma semelhança com a liturgia antiga, ou seja, os netos não prestam mais culto da mesma forma que os avós. E para um grupo conservador isso é um ultraje, porque o culto perdeu, na sua essência, a beleza que nele há, que se manifesta na sua permanência e no sentido de eternidade e continuidade (*O Banquete*, 206d-207a) que seus participantes poderiam sentir ao participar do ato público. Portanto, para os religiosos mais conservadores, a falta de uma ordem fixa, sem variações na liturgia, seria um meio de manter a sua beleza". Depois desse momento, todos ficaram maravilhados com a conclusão a que chegamos, por isso reservamos alguns minutos para refletir.

Mas ainda lhes disse em seguida: "Amigos, não podemos parar ainda, pois a nossa tarefa é longa. Cabe a nós pensar um pouco mais sobre a beleza em Platão. Continuamos. Em seu pensamento, Platão apresenta uma espécie de progressão na contemplação da beleza. Enquanto na modernidade a beleza está intimamente relacionada com a percepção e com o que sentimos, em Platão isso é diferente.

A beleza, no pensamento platônico, faz-nos amar um corpo pela sua beleza; mas à medida que o homem avança, ele abandona a contemplação apenas do corpo e passa a entender que o que o encanta em um corpo específico também se manifesta em outros corpos, ou seja, a beleza de um, dessa forma, é também a beleza que se manifesta em outros, para que haja uma beleza universal da qual todas as coisas participam para serem vistas como belas. Portanto, o homem agora é capaz de contemplar, passa a contemplar o belo nas instituições e na alma, além de encontrá-lo até nas ciências.

Quando ele consegue atingir esse nível de progressão (*O Banquete*, 211d), fica claro para nós até onde ele chegou. Conseguiu libertar-se do sensorial e do privado. Ele conseguiu direcionar seu olhar, portanto, para o *belo por si só* (*Fedro*, 250d), aquilo que é visto através da ideia pura, vista em sua essência universal e absoluta. Em suma, foi isso que Platão procurou fazer com que os seus interlocutores conseguissem. Dessa forma, podemos perceber o aspecto quase divino que a beleza tem na teoria estética que encontramos em Platão, pois é algo que vai além do sensível, não se reduzindo a algo que se manifesta fisicamente. Dessa forma, para Platão, a arte acaba não sendo tão importante, pois acaba criando coisas no mundo manifesto; coisas que seriam uma imitação de imitação, dada a ideia de perfeição encontrada apenas nas próprias coisas, que não se manifestam fisicamente, como podemos encontrar no livro *A República* de Platão (377d-383a). Portanto, para Platão, somente a filosofia teria a tarefa de buscar a beleza em si mesma, visto que é a filosofia que se propõe a buscar a essência das coisas, bem como a buscar seus fundamentos".

Avançando na discussão, continuei: "A atitude a que nos referimos aqui nos mostra um pouco mais sobre o funcionamento do pensamento platônico em relação à beleza. Em Platão, há uma unidade entre ciência, religião e ética. O processo de compreensão da realidade nos leva à comunhão com o divino e dessa comunhão emerge a beleza. Dessa forma, há uma concepção que aborda o "belo" de forma oposta à modernidade, que precisa sempre levar em conta não apenas o sujeito concreto, mas também o mundo que se manifesta. Assim, não é possível falar de estética em si, no caso de Platão, mas de uma teoria da beleza, pois a reflexão sobre a arte só se torna estética quando a beleza se relaciona com a percepção da concretude da realidade (Geuel, 1994, p. 149)".

Com isso, fica claro para nós como ocorre a distinção entre o que é entendido como belo na antiguidade e o que é entendido na modernidade. Se o pensamento estético já foi orientado pela primazia da ideia, na modernidade podemos perceber uma concepção de

estética mais relacionada ao corpóreo e sua manifestação, daí o lugar que a arte tem ocupado hoje para tais discussões.

Continuei falando: "Amigos, vocês devem estar se perguntando sobre a utilidade ou o propósito de pensar tanto sobre esse assunto, certo? Neste momento, um dos presentes disse: "Esse Platão falou lindamente, mas isso não adianta, pois não se aplica à minha vida". Eu ri e, com um pouco de raiva no coração, disse para ele: "Calma! É muito mais do que palavras bonitas".

"Caríssimo, permita-me oferecer-lhe uma resposta simples. Com isso peguei um vaso de flores que estava sobre a mesa. Eram orquídeas e suas flores eram lindas. Então eu disse, algumas pessoas dizem que essa flor é feia. Todos os meus colegas presentes murmuraram e disseram: "Isso é um absurdo!" Então eu disse: "Não, não é". Em tempos de relativismo, onde não existe uma base sólida através da qual possamos fazer um julgamento sobre a beleza de algo, tudo é válido, inclusive a afirmação de que é feio. Então continuei, aqui está uma aplicação desta discussão. Com base no que vimos, poderíamos questionar os motivos pelos quais a diz que tal flor é feia, ao mesmo tempo que poderíamos dizer os motivos pelos quais, sim, há beleza nesta flor, seja pela sua simetria e ordem intrínseca, ou o que ela desperta em nós em termos de emoção, sensação de grandeza". Dito isto, notei nos olhos do meu amigo um sentimento de satisfação ao perceber que as nossas discussões não eram nada tolas.

Então voltei a falar com eles da seguinte forma: "Queridos, prestem atenção ao que vou lhes dizer, pois é de grande importância para a nossa reflexão de hoje. Existe um conceito antigo que é *Kalokagathia* (*A República*, 400e) cuja tradução literal seria "belo e bom". A partir deste conceito podemos identificar um caráter prático na teoria estética platônica. Observe que nos tempos antigos um herói era considerado bom pela beleza que havia nele, pela bondade e virtude que possuía. Alcançar a beleza era o desejo do homem, mas ele conseguiu isso através da virtude, ou nobreza.

Você se lembra de Sócrates? Ele foi descrito como um homem que hoje chamaríamos de feio. Você se lembra de Jesus Cristo? No livro de Isaías 53 ele é descrito de tal forma que o chamaríamos de fisicamente feio. Isto é o que o Antigo Testamento nos diz. Mas parece-me que nenhum de nós tem dificuldade em dizer que tais homens eram bonitos. Por que isso acontece?

A resposta está relacionada à virtude, à nobreza e ao que é bom (*O Banquete*, 181a). Embora o que consideramos beleza corporal não estivesse presente nesses homens, havia uma beleza em sua alma, um espírito nobre e bom, onde sempre esteve presente a busca pela verdade e por aquilo que transcende o mundo físico. Dessa forma, esses belos súditos seriam aqueles que se encontrassem num estado de integridade moral e de caráter que os tornasse irrepreensíveis; isto é, parece-nos ser ao mesmo tempo uma síntese perfeita de todas as virtudes e um modo de vida harmonioso (*O Banquete*, 188a-b); esses sujeitos, portanto, são caracterizados como homens belos e bons.

Espero que até agora vocês tenham entendido o que tentei apresentar (surpreendentemente, mas eles entenderam e disseram que aparentemente filósofo também é esteticista. Concordei e ri!), mas agora precisamos resumir. A teoria estética de Platão preocupa-se em libertar-se do corpóreo em busca de uma ideia que se alcança através da ascese, uma espécie de caminho, jornada. Quando isso for alcançado, então a própria beleza poderá ser contemplada. Além disso, não há nada de feio no mundo, porque de alguma forma tudo é belo, mesmo que em proporções diferentes. E, por fim, para Platão, o conceito de beleza está ligado ao bem, sendo a nobreza ou a virtude exemplo da presença da beleza no homem".

Tendo feito esta pequena e sutil apresentação da teoria estética de Platão, todos os presentes concordaram que a estética não é apenas uma preocupação com o rosto ou o corpo, como comumente se pensa, mas é uma preocupação com aquilo que transcende a individualidade e a coloca como um universal, ou seja, é uma preocupação com a beleza em sua essência.

SEGUNDA PARTE

Um mês depois daquele encontro, em função do trabalho de aproximação entre Teorias da Beleza e Literatura Clássica para a disciplina de estética da faculdade de filosofia, reli o livro *Antígona* de Sófocles. Para passar no curso, debrucei-me sobre este texto, aplicando o que havia entendido sobre a estética platônica à análise desta tragédia. Pelo vento do destino, enquanto eu lia *Antígona* na rodoviária do Rio de Janeiro, um homem apareceu no meu caminho perguntando o que eu estava lendo e o motivo da leitura, então aproveitei o momento para apresentar a ele toda a minha análise. Ele gostou? Acho que ele se perdeu em seus devaneios..., mas vou contar aqui o que apresentei a ele.

Eu lhe respondi assim: "Meu caro, é um prazer poder contar a você o que tenho lido. 'Se você entendeu, não é problema meu' (queria ter lhe dito isso, porque ele interrompeu minha leitura, mas não tive coragem). Antígona é uma mulher devotada ao irmão Polinices, morto em combate pelo próprio irmão. Mas após a sua morte, os seus direitos funerários foram retirados pelo rei de Tebas. Diante disso, Antígona, por amor ao irmão, um *pathos* que a une à própria morte, prefere transgredir as leis de sua cidade a deixar seu irmão sem o rito fúnebre que lhe é por direito. Como resultado, esta tragédia acaba por amalgamar *eros* e destruição, amor e morte, conduzindo a um texto muito interessante para nossa análise, que apresentarei.

Antígona, ao saber do decreto do rei Creonte, que proibia os habitantes de Tebas de realizar atos fúnebres para Polinices, foi em busca da irmã para saber se ela poderia ajudar no ato de desobediência para cumprir o ato fúnebre do irmão. Ismene, sua irmã, contestou o ato, pois desobedecendo a ordem, a lei estabelecida pelo próprio rei seria um ato que condenaria ambas as irmãs ao mesmo fim que seu irmão teve, ou seja, a morte. Indignada com a atitude da irmã, Antígona responde da seguinte forma nos versos 78-86:

> Não mais te exortar, e mesmo que depois
> quisesses me ajudar, não me satisfarias,
> Procede como te aprouver, de qualquer modo
> hei de enterrá-lo e será belo para mim
> morrer cumprindo esse dever: repousarei
> ao lado dele, amada por quem tanto amei
> e santo é o meu delito, pois terei de amar
> aos mortos muito, muito mais tempo que aos vivos.
> Eu jazerei eternamente sob a terra
> e tu, se queres, foge à lei mais cara aos deuses (Sófocles, *Antígona*, v. 78 86).

"Atente-se, querido estranho (ainda não tinha perguntado o nome do homem que me tirou o direito de ler um livro em paz), na linha 81 Antígona afirma que é belo morrer cumprindo um determinado dever. Observe como isso está associado a uma estética platônica. Você já ouviu falar sobre virtude ou *areté* ? Essa palavra, na antiguidade, estava ligada a um conjunto de qualidades que formavam um determinado conceito ou ideal de excelência humana (JAEGER, 1986, p. 19). É por isso que os heróis serviam de ideal para os

homens comuns, porque heróis eram aqueles que buscavam isso. *Areté*, é essa a excelência moral que os fez receber grande destaque em suas cidades".

De forma semelhante, quando olhamos para esses versos, podemos ver um ideal sendo formado à medida que uma mulher assume o centro das atenções e enfrenta um grande problema: cumprir seu dever e morrer; ou se calar e sobreviver? Observe que o pensamento platônico está presente nesta discussão, pois a questão está relacionada a um ideal que transcende a humanidade, mas também se relaciona com a vida corpórea de uma pessoa. É uma disputa entre algo particular como o corpo de alguém e um ideal universal, como uma espécie de lei divina.

"Preste atenção, pois Antígona abre mão da própria vida, ou seja, da sua individualidade, pelo bem de outra pessoa. Existe um ideal a ser alcançado. Ela pretende expressar o seu amor, por aqueles que tanto a amaram, num último gesto que é cuidado pelos mortos. Embora ela esteja se sacrificando, visto que seria punida por sua desobediência, esse ato é considerado belo, pois é um sacrifício em prol de algo maior. Isto é muito semelhante ao pensamento de Kierkegaard expresso em seu livro *Medo e tremor*. Abraão assume a triste tarefa de sacrificar o próprio filho no altar do Senhor, mas não recua. Ele violará a lei de cuidar de seu próprio filho. Mas ele só faz isso porque sabe que existe uma lei maior e universal em jogo. A lei que convida os homens a obedecer apenas a Deus e a fazer tudo o que ele ordena.

Dessa forma, percebe-se como a teoria estética de Platão poderia ser aplicada em ambos os casos, pois Antígona e Abraão enfrentam um difícil problema em favor de uma lei universal e absoluta, para que suas ações passem a ser consideradas belas, na medida em que transcender as limitações corporais e buscar o universal. Além disso, observe como o amor se conecta com a ideia de beleza, como vemos no texto de Platão intitulado *O Banquete.*

Ademais, também é interessante considerar as palavras de José Ortega y Gasset (2019, p. 27), quando afirma que "todos nós, em diferentes graus, somos heróis e todos suscitamos ao nosso redor humildes amores". Veja como esta frase está relacionada à nossa discussão. Somos todos amantes. Nós também somos heróis. Somos todos humanos e partilhamos uma essência que nos une como seres. Daí a expressão: "Eu sou humano; Nada do que é humano me é estranho" (*homo sum; humani nil a me alienum puto*), frase atribuída a Terêncio (ca. 195-159 a.C.). Obviamente, em diferentes graus, pois nem todos os homens têm a coragem de tomar a atitude que Antígona tomou, mas todos nós, sem exceção, somos amantes, que, de alguma forma, vivenciamos, em medida diferente, a beleza (*O Banquete*, 206b).

Na linha 598, Antígona diz o seguinte: “Nasci para partilhar o amor, não o ódio”. Nisto, mais uma vez, podemos ver a força do afeto e do *eros*, nesta busca pela beleza. É-nos óbvio que se trata de uma postura completamente oposta àquela que o rei Creonte adota, formando até mesmo uma dialética, que poderia ser explorada com base na teoria estética de Hegel, mas não é essa a nossa proposta. Primeiramente, quero que você, caro estranho, perceba como o amor é instigador e regulador nessa busca por um ideal que transcende o particular, mas se coloca no plano do universal e do absoluto (*O Banquete*, 195e).

Devemos ainda mencionar a força impetuosa de Antígona face a esta situação. Sua coragem e sua dedicação à morte são algo lindo de se notar. Seu amor é corajoso e destemido; é capaz de enfrentar grandes potências para conseguir o que deseja; é um amor determinado a seguir em frente, mesmo que sofra perdas ou tenha que enfrentar forças maiores que ele mesmo. Esse tipo de amor é louvável. Mas ainda precisamos prestar atenção em mais uma coisa importante. Isto é, o amor é diametralmente oposto à busca por ganho ou recompensa material, como o próprio reconhecimento. Pelo contrário, é um amor

baseado única e exclusivamente num ideal que é movido tanto pela obrigação como pela vontade. Esse amor está ligado a uma causa nobre como proporcionar o ritual fúnebre a que o falecido tem direito, além de ter atenção direcionada a alguém que era seu familiar.

Se Antígona procurasse direcionar o seu amor para os vícios e as coisas passageiras, isso estaria indo na direção oposta ao que vemos em Platão. Mas um amor que se alinha com causas nobres como vemos em Antígona, alinha-se com o que Platão nos apresenta nos seus diálogos, pois este é um amor que se dirige para aquilo que é eterno, que se mantém e sustenta. O amor aos familiares e às honras que merecem é um compromisso estabelecido pela divindade e deve ser mantido a qualquer custo".

"Tenho certeza de que, quando olhamos para um corpo em deterioração, não encontramos ali nada de eterno e permanente", disse Teobaldo (Sim, ele se apresentou no meio da minha *oração perpétua*), e já aproveitou para fazer a seguinte pergunta: "Então como é? Será a nossa afirmação de que a ação de Antígona é bela (o que está relacionado com a eternidade), se ela estiver a realizar uma ação destinada a cuidar daquilo que é temporal e passageiro?"

"Essa é realmente uma ótima pergunta, Teobaldo. Mas veja bem o que destacamos: 1) um amor direcionado às leis universais; 2) uma conduta que buscava simplesmente garantir o último direito que o morto tinha, o de ser sepultado.

Essas duas questões são importantes em nosso texto. Para Platão, poderíamos dizer que a estética buscaria investigar a beleza em sua essência, ou seja, o ideal de beleza, o que ela é em si. Desta forma, a preocupação com algo que transcende é um caminho de ascensão, que está alinhado com o esforço de Antígona para cumprir a lei universal. Esse tipo de preocupação também é uma busca pela ordem. Ao procurarmos o que é universal, procuramos também encontrar o eterno, aquilo que permanece, isto é, os fundamentos da realidade, aquilo que sustenta e dá razão a tudo. Assim, fica clara a relação entre Antígona e Platão, a partir da primeira partitura que fizemos.

Na segunda pergunta que fizemos, o que devemos lembrar é que na teoria estética de Platão, a beleza e o bem estão em plena relação. O belo e o bom andam de mãos dadas, por assim dizer. Portanto, não podemos dizer que uma boa ação seja feia; pelo contrário, é belo, pela relação entre o belo e o bem. Agir bem é agir lindamente. Querer o bom seria querer o belo. Você não acha, Teobaldo?" "Sim, faz sentido".

CONCLUSÃO

"Bem, em termos gerais, seria isso. A obra Antígona, do ponto de vista da estética platônica, tem uma concepção de busca do que há de mais excelente e nobre, o que só pode ser alcançado naquilo que é ideal e transcendente, de modo que o texto acaba convocando seus leitores a se apegarem para aquilo que é eterno e bom, quase um guia para se tornar um herói. Você entende, Teobaldo?".

Surpreso com o que havíamos conversado na rodoviária e satisfeito com a conversa que tivemos, ele me disse: "João, gostei do que você falou. Você me lembrou um poema de Alberto Caeiro que é o seguinte:

> Às vezes, em dias de luz perfeita e exacta,
> Em que as coisas têm toda a realidade que podem ter,
> Pergunto a mim próprio devagar
> Porque sequer atribuo eu
> Beleza às coisas.

Uma flor acaso tem beleza?
Tem beleza acaso um fruto?
Não: têm cor e forma
E existência apenas.
A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe
Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.
Não significa nada.
Então porque digo eu das coisas: são belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens
Perante as coisas,
Perante as coisas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!"

Disse-lhe então: "Realmente, Teobaldo, esse é um poema muito lindo e nos daria muita inspiração, mas não poderei refletir sobre ele com você, pois meu ônibus está se aproximando, e nele pretendo viajar para uma cidade linda, que promete alegrar minha alma frágil. Portanto, acho que chegou a hora de nos despedirmos e seguirmos caminhos separados nesta empreitada filosófica". Assim, minhas últimas palavras para Teobaldo foram as seguintes: "querido Teobaldo, agradeço sua companhia até aqui. Mas percebo que seu coração e sua mente ardem de desejo de conhecer as coisas mais excelentes desta vida. Portanto, o que é a chama para?" Se essa discussão ainda arde em sua alma, espero que você reflita um pouco mais sobre um trecho do poema que você citou, aquele que diz: " A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe; é o nome que dou às coisas em troca do agrado que me dão". Porque diante de tudo que refletimos, eu te pergunto, será que a beleza é mesmo apenas a nomenclatura daquilo que dá prazer ao nosso espírito? É realmente com o que Platão concordaria?" Naquele momento, Teobaldo olhou para mim com uma risada entre os lábios e disse: "Não tenho certeza, mas irei refletir, pois a discussão e o pensar nunca pode parar".

REFERÊNCIAS

CAMPILHO, M. **Jóquei**. São Paulo: Editora 34, 2015.

GREUEL, M. V. Da “Teoria do Belo” à “Estética dos Sentidos”: Reflexões sobre Platão e Friedrich Schiller. **Anuário de Literatura,** v. 2, p. 147-155, 1994.

JAEGER, Werner. **Paideia:** a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditações de Quixote.** São Paulo: Vide Editorial, 2019.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Alberto Caeiro**. Lisboa: Ática, 1993.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Pinharada Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

PLATÃO. **O Banquete.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: ED. UFPA, 2018.

SÓFOCLES. **Antígona de Sófocles.** Tradução e introdução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Editores do artigo

Alex Lara Martins, Jandresson Dias Pires e Mariana Mapelli de Paiva